

*EXPERIÊNCIA E SABEDORIA EM CAMPO:  
UMA REPRESENTAÇÃO SOCIAL POSITIVA  
SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO  
DOS "VETERANOS" NO "CAMPO"  
FUTEBOLÍSTICO AMADOR DE PONTA  
GROSSA, PARANÁ (2014-2017)*

Miguel Archanjo de Freitas Junior<sup>1</sup>  
Edilson de Oliveira<sup>2</sup>  
Tatiane Perucelli<sup>3</sup>

resumo

O objetivo do presente estudo foi analisar o processo de construção e manutenção de uma representação social positiva sobre os jogadores veteranos, presentes no campo futebolístico amador existente na cidade de Ponta Grossa (PR). Para tanto, optou-se pelos direcionamentos metodológicos da etnografia, pois eles guiam os

---

1 Graduado em Educação Física. Doutor em História. Professor Associado da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), vinculado ao Departamento de Educação Física. E-mail: mfreitasjr@uepg.br.

2 Graduado em Educação Física. Doutorando em Ciências Sociais Aplicadas. Professor Colaborador da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), vinculado ao Departamento de Educação Física. E-mail: edilsondeoliveira@outlook.com.

3 Graduada em Educação Física. Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: tatianeperucelli@live.com.

pesquisadores no processo interpretativo da "visão sobre o mundo" dos indivíduos pertencentes ao grupo social investigado, através das interpretações de suas práticas simbólicas. As representações revelaram que mesmo no campo esportivo em que, tradicionalmente, o rendimento técnico-físico é o que determina a visão sobre os diferentes agentes; na análise em questão descobriu-se que através de ancoragens compensatórias, tais como não se tem vigor físico mas tem sabedoria/experiência, somado ao *capital simbólico* adquirido historicamente os idosos foram representados como figuras centrais deste espaço social. Conclui-se que em Ponta Grossa o futebol amador veterano apresenta-se como uma manifestação sociocultural, que tensiona o olhar negativo que comumente é estabelecido para o processo de envelhecimento e para a velhice.

palavras-chave

Veteranos. Futebol Amador. Representações Sociais. Capital Simbólico. Envelhecimento.

## 1 Introdução

Atualmente pode-se afirmar que o esporte se consolidou como um dos fenômenos de maior expressividade na sociedade (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2009). Ele faz parte do cotidiano da maioria dos agentes sociais de todo o mundo (BRACHT, 2005). Entendidos como manifestações culturais, os esportes e dentre eles o futebol, estabelecem articulações com as dimensões sociais, econômicas e políticas de um determinado campo<sup>4</sup>. Assim, as representações emergentes desse esporte enquanto um ritual estruturado por regras culturalmente e socialmente estabelecidas permitem a interiorização e exteriorização do funcionamento hierárquico da sociedade, através dos processos de socialização destes agentes (DAMATTA et al., 1982).

---

4 De acordo com Bourdieu (2002, 2008), o campo (acadêmico, econômico, esportivo, dentre outros) pode ser entendido como um espaço estruturado de posições ou de postos, o qual não é uma simples localização geográfica, mas um espaço abstrato. Embora seja importante destacar que o campo tende a traduzir-se de maneira mais ou menos deformada, sob a forma de espaços físicos, em arranjos de agentes em torno de propriedades. Como, por exemplo, as universidades para o campo científico (BOURDIEU, 2001).

A presente temática vem ganhando cada vez mais espaço no campo acadêmico<sup>5</sup>, tendo como uma das principais motivações o aumento acelerado nos indicadores de expectativa de vida dos brasileiros, conforme demonstrado através dos dados emitidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>6</sup> (IBGE). Embora esta seja uma melhoria quantitativa, a observação destes dados possibilita uma série de indagações sobre o processo de envelhecimento e a velhice, pois, envelhecer com qualidade de vida no Brasil ainda é um privilégio restrito a uma pequena parcela dos idosos (MOTTA; AGUIAR, 2007).

Em meio às tensões e conflitos desse contexto histórico, cultural e social emergem as representações sociais sobre o “idoso”, o “velho” e o envelhecimento (COSTA; CAMPOS, 2009). Nesse estudo, optou-se em compreender as representações sociais, com base nos pressupostos estabelecidos por Moscovici (2012), ao demonstrar que as representações sociais devem ser analisadas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que se sabe sobre um determinado objeto.

Nesse viés, segundo Costa e Campos (2009), a sociedade e os idosos compartilham uma representação social do envelhecimento ancorada a um processo “natural” de declínio, o qual traz consigo limitações físicas, perda de *status* social e familiar, que os acompanha até a morte. Visão que em certa medida contribui para conservação de práticas de violência contra os idosos, sejam elas física ou simbólica (BOURDIEU, 2001), exercida em grande parte pelos próprios filhos, cônjuges e familiares (GRILO; LOMBARDI JÚNIOR, 2015). Para além das configurações familiares o cenário não se difere muito, pois em uma sociedade capitalista, onde o que interessa são os níveis de produção

---

5 O aumento de publicações sobre a temática pode ser visto através de pesquisas em bases de dados. Por exemplo, em uma busca no Portal de Periódicos da CAPES com o termo “Idoso”, foram encontrados 10.556 resultados; ao filtrar os estudos dos últimos 10 anos, foram encontrados 4.480 resultados, ou seja, 42,4% das pesquisas sobre a temática foram realizadas na última década. Com o termo “Envelhecimento” foram encontrados 9.151 resultados e, nos últimos 10 anos, 5.215 estudos, ou seja, 57% das pesquisas. Já com o termo “Velhice” foram encontrados 2.326 resultados, sendo 1.378 quando aplicado o filtro, totalizando 59,2% das pesquisas nos últimos 10 anos. Outro exemplo deste crescimento pode ser observado através dos eventos que abordam a temática, como o IV Congresso Internacional de Estudos do Envelhecimento Humano, em Passo Fundo (RS), XXI Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, no Rio de Janeiro (RJ), e o II Congresso Nacional de Envelhecimento Humano, em Curitiba (PR), todos realizados no ano de 2018. Além do surgimento de periódicos especializados na temática, como o *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*.

6 Os censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam para um aumento considerável da população de idosos, a qual ocorre de forma bastante acelerada. De acordo com a Agência de Notícias do IBGE, de 1940 a 2016, a expectativa de vida dos brasileiros subiu mais de 30 anos. Somente nos últimos 5 anos (2012-2017) segundo dados do IBGE, houve um aumento de 18% desse grupo etário, superando a marca de 30,2 milhões de idosos em 2017. Cf. IBGE, 2017, 2018.

e não quem produz, ou seja, quando uma pessoa diminui a sua capacidade produtiva em decorrência do processo natural de envelhecimento, há uma forte tendência do sistema excluí-lo, substituindo-o por uma outra que tenha um nível de produtividade otimizado, recomeçando o ciclo novamente.

O campo esportivo segue essa mesma lógica. À guisa de exemplo, basta observar o “Almanaque do Brasileirão 2017”<sup>7</sup>, construído pelo site esportivo *GloboEsporte.com*. Esse encarte serviu para apresentar curiosidades sobre os 20 clubes do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino da série A. Nele destaca-se o jogador Zé Roberto, da Sociedade Esportiva Palmeiras, como sendo a “múmia” do Brasileirão, tal adjetivação foi decorrente do fato deste jogador iniciar a competição com 42 anos e dez meses de idade, sendo o jogador mais velho da edição de 2017. Desse modo, infere-se mesmo hipoteticamente que o campo futebolístico de alto rendimento, também não identifica protagonismo nos jogadores mais velhos.

Não obstante, ao olhar para o campo futebolístico amador da cidade de Ponta Grossa, no estado do Paraná, Brasil, observou-se regularmente a presença de idosos em rodas de conversa nos alambrados dos estádios e/ou que ainda calçam as chuteiras e praticam a modalidade esportiva. Nesse lócus, em que a prática do esporte é a principal referência, um fato acabou nos chamando a atenção desde a nossa chegada ao campo de investigação e durante toda a permanência para o desenvolvimento da observação etnográfica, trata-se da forma respeitosa com que os idosos eram tratados. Algo que se manifestava por meio de palavras, atitudes, olhares e principalmente pela representação discursiva, em que eles eram reconhecidos como “veteranos”<sup>8</sup>, nunca chamados de velhos ou idosos.

Tal percepção transcende a questão semântica, pois, se for tomada como ponto de partida a crítica apresentada por Pierre Bourdieu (2012), verifica-se que a visão naturalista da sociedade tende a justificar a dominação do campo por um determinado grupo através de lógicas de distinção, incorporadas como

---

7 Para maiores informações, conferir o “Almanaque do Brasileirão 2017”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/almanaque-do-brasileirao-2017.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2018.

8 Ao dirigir a palavra a um agente do campo, com idade elevada, ou citá-lo nas rodas de conversa, não se deve utilizar os substantivos “velho” ou “idoso”. Mesmo que este agente demonstre claramente traços de envelhecimento, a ancoragem do velho a características negativas torna seu uso ofensivo. Nesse viés, a utilização da palavra idoso comporta a mesma carga simbólica, porém de forma polida. Destarte, deve-se utilizar o substantivo “veterano”, o qual tem a função de demarcar uma distinção clara entre os agentes do campo, entre “o que é ser velho” e “o que é ser veterano”. Pois no segundo caso, a ancoragem está associada às experiências de vida, posto de alguém pertencente ao campo por um longo período.

sendo resultantes de processos sociais naturais e inevitáveis. Destarte, cabe destacar que essa visão normalmente limita o entendimento desse fenômeno, pois ao não tensioná-lo, ao não compreendê-lo na sua amplitude, acaba-se gerando um processo de desumanização e aceitando como normais as representações sociais negativas construídas em torno do idoso.

Para auxiliar na compreensão destes processos optou-se pela realização de um diálogo<sup>9</sup> entre a Teoria dos Campos de Bourdieu (2002, 2008) e a Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici (2012). Pois compreender essas questões nos remete a análise de uma configuração social, em que a construção do habitus individual é permeado por relações dinâmicas com outras instituições e agentes sociais, produtores de valores e referências culturais, que possibilitaram a criação de uma relação diferente da que normalmente se verifica na sociedade brasileira e principalmente no campo esportivo, cujo a referência fundamental é a capacidade de alto desempenho. Dessa maneira, o conceito habitus foi utilizado como instrumento conceitual que auxiliou na compreensão da relação entre os condicionamentos sociais exteriores, a subjetividade dos sujeitos e a maneira como eles representam os idosos.

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo foi analisar como e porque as categorias experiência e sabedoria possibilitaram uma outra representação em torno da imagem pré-concebida sobre os idosos pertencentes ao campo futebolístico amador da cidade de Ponta Grossa (PR)?

## 2 Procedimentos metodológicos

Neste estudo optou-se pelos direcionamentos metodológicos da etnografia, pois eles guiam os pesquisadores no processo interpretativo do “ponto de vista” e da “visão sobre o mundo” dos indivíduos pertencentes ao grupo social investigado, através das interpretações de suas práticas simbólicas. Tendo

---

9 Ao dissertar sobre este possível diálogo, Doise (2002) argumenta que as representações sociais devem ser compreendidas como princípios geradores de tomadas de posição, que organizam os processos simbólicos que intervêm nas relações sociais. Portanto, pode-se dizer que existe uma dinâmica relacional entre o habitus incorporado por este agente ao longo de sua trajetória nos mais diversos campos e as representações sociais dos grupos com que ele se identifica. Ou seja, o habitus pode ser entendido como produtor de representações sociais, ao passo que estas também compõem o habitus de cada agente. Nesse viés, Lima e Campos (2015) ressaltam que, tanto Bourdieu quanto Moscovici lutaram contra uma visão estanque entre objetivismos e subjetivismos, defendendo uma dimensão relacional entre estas visões. O primeiro propõe-se a realizar uma sociologia dinâmica, e o último, uma psicologia social dinâmica. Dessa forma, estabelecer um olhar interdisciplinar a partir das teorias contribui “para uma melhor compreensão de processos simbólicos e de práticas presentes nas interações educativas, que frequentemente acontecem no contexto de lutas simbólicas operadas por diversos grupos sociais” (LIMA; CAMPOS, 2015, p. 75).

como referência as experiências de Geertz (2008, 2010) e Wacquant (2002) na realização da presente investigação, superou-se as seguintes etapas:

## 2.1 Primeira etapa: o estabelecimento do objeto, dos sujeitos e do campo

Inicialmente estabeleceu-se o objeto e os sujeitos do estudo, estruturas que permeiam todos os tipos de produções científicas. Nesse sentido, estipulou-se o campo futebolístico amador ponta-grossense, pois nesses espaços ocorrem os campeonatos de maior legitimidade entre os jogadores da cidade. Durante a realização do estudo observou-se 26 clubes<sup>10</sup>, nas diversas categorias do futebol amador em que estes participaram.

## 2.2 Segunda etapa: conhecimento prévio

Reconhecendo que o conhecimento preliminar sobre o objeto de estudo é essencial para traçar as primeiras estratégias de inserção ao campo, em um primeiro momento realizou-se um levantamento<sup>11</sup> de artigos, dissertações, teses e livros que abordam a questão do futebol amador em geral e do futebol amador no contexto da cidade de Ponta Grossa.

---

10 São eles: Associação Atlética Banco do Brasil, Associação de Moradores Parque do Café, Associação Recreativa e Desportiva dos Funcionários da Viação Campos Gerais, América Pontagrossense Futebol Clube, Associação Bom Sucesso, Associação Esportiva W-3, Borato Futebol Clube, Bordeaux Telêmaco Borba, Cará Cará Santa Bárbara, Carambei Esporte Clube, Clube Princesa dos Campos (Verde), Grupo Audiponta, Grêmio Esportivo Guamiranga, Guarani Esporte Clube, Metalurgente Futebol Clube, Milan Santa Mônica, Vila D.E.R., Olinda Esporte Clube, Palmeiras Esporte Clube, Santa Cruz Futebol Clube, Grêmio Esportivo Santa Paula, Tibagi Esporte Clube, União Campo Alegre "A" (UCA), UCA "B"/Itaiacoca, União Ipiranguense Esporte Clube e Vila Velha Esporte Clube.

11 Destaca os estudos: de Rigo (2007) sobre um clube de futebol social e recreativo da cidade de Pelotas; de Cunha et al. (2013) sobre as memórias de um clube que disputa a competição amadora de futebol em São José Norte; de Myskiw e Stigger (2014) sobre um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre; de Oliveira (2013) sobre a "suburbana" competição amadora de futebol da cidade de Curitiba; e no contexto local destaca-se a obra de Ribeiro Junior (2004), na qual o autor realiza um resgate das competições e resultados dos clubes ponta-grossenses, porém sem reflexões teóricas; e de Freitas Junior (2000), sobre as causas do fracasso do Operário Ferroviário E. C., uma equipe de futebol profissional de Ponta Grossa.

### 2.3 Terceira etapa: autorização legítima para adentrar no campo

Tal tarefa foi facilitada através de uma visita dos pesquisadores a Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG), entidade responsável pela organização e gerenciamento do futebol local, por meio da qual obteve-se os contatos dos clubes filiados. De posse dessas informações, realizou-se aleatoriamente uma ligação para o agente “responsável” pelo Olinda E. C., que foi o primeiro dentre os demais representantes a atender e colocar-se à disposição. Dessa maneira, definiu-se o clube como o ponto de partida da investigação.

### 2.4 Quarta etapa: as descrições iniciais (superficiais)

As descrições iniciais contemplam um primeiro processo de estruturação do mapa do campo. Para a captação dos elementos provenientes desses encontros, dentre as possibilidades de procedimentos utilizou-se o diário de campo (DC), visto que um indivíduo se lembra somente das coisas que o motivam e o empolgam, descartando fatos sem nenhum sentido no momento (DAMATTA, 1987).

Partindo dos conceitos de “estar ali” e “estar aqui”, descritos por Geertz (2010), a materialização do DC fez-se dentro e fora de campo. Além do tradicional caderno, foram utilizados aplicativos para anotações e gravações de áudio do *smartphone*, devido à praticidade de seu uso e por se tratar de um objeto extremamente familiar para os agentes do campo. Entendeu-se que esses procedimentos causariam menos estranhamento, principalmente se comparados à utilização de um gravador tradicional ou de um caderno. A utilização destes recursos tecnológicos aliada a habilidade etnográfica desenvolvida ao longo de anos no campo, justifica a descrição integral de falas dos agentes, uma vez que estas eram anotadas quase que simultaneamente.

É importante destacar que todas as gravações realizadas durante as rodas de sociabilidade foram autorizadas pelos participantes. A segunda etapa de construção do DC consistiu-se na escuta e posterior transcrição do áudio, em seguida a construção de um relatório complementar aliando as gravações e anotações realizadas *in loco*.

## 2.5 Quinta etapa: o processo de aceitabilidade

Considera-se que o processo de aceitabilidade ou “ser aceito” pelo grupo social estudado é parte fundamental da investigação (juntamente com a capacidade construir descrições densas), o qual influenciará diretamente no tempo em campo e atestará o sucesso ou o fracasso da coleta de dados para a pesquisa. Quanto ao ser aceito, isso pode se estabelecer em longo, médio prazo ou até mesmo logo nos primeiros contatos do pesquisador com o grupo estudado. Visto que essa questão é relativa ao grupo (o qual pode ser mais ou menos acessível), bem como à postura do investigador (que pode dispor de maior ou menor facilidade, artifícios e estratégias para tornar esta aproximação possível). Todo esse processo é muito mais complexo que uma definição temporal estabelecida aprioristicamente.

## 2.6 Sexta etapa: as descrições “densas”

Autorizada a inserção *in loco* e superadas as camadas de aceitabilidade, iniciou-se a estruturação do DC, onde objetivou-se compreender as lógicas gerais e específicas do campo futebolístico amador ponta-grossense. Cabe destacar que essa compreensão se torna mais profícua quando ocorre uma caracterização específica, a qual pode ser adjetivada como “densa”.

Esta adjetivação efetiva-se quando os pesquisadores são capazes de interpretar o ponto de vista dos próprios membros do grupo social investigado, através da vivência e da observação destas práticas oriundas de processos históricos, sociais e culturais (BOUMARD, 1999). Ao passo que as descrições capturem os “detalhes, contextos, emoções e as nuances do relacionamento social a fim de evocar o ‘sentimento’ de uma cena e não apenas seus atributos superficiais” (ANGROSINO, 2009, p. 32-33).

No decorrer desse processo, foram acompanhados os jogos de três categorias em que o amador se subdivide, sendo elas: a) Campeonato Amador Divisão Especial (jogadores acima de 15 anos); b) O Campeonato Amador Máster (jogadores acima de 35 anos) e; c) Campeonato Amador Sênior (jogadores acima de 45 anos). Essas partidas são realizadas em vários campos da cidade de Ponta Grossa e região<sup>12</sup>, ocorrendo em sua grande maioria aos domingos

---

12 Durante o estudo, acompanhou-se partidas de futebol nos seguintes Estádios: Arena W3 (W3 F. C.) Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), Campo do D.E.R (Vila D.E.R.), André Mulaski (Olinda E.C.), Centenário (Clube Princesa dos Campos), Cooperativa Batavo (Carambei, PR), Dr. Joaquim P. Xavier (Guarani E.C.) Dr. Nilton Sales Rosas (UCA), João Leocádio Fagundes (Santa Paula E.C.), José Izaias Blum (Ipiranga, PR), Miró de Freitas (América P.F.C.), Sen. Flávio Carv. Guimarães (Palmeira E.C.), Estádio da A.R.C.A.M.P. (A.R.C.A.M.P.) e Vila Jamil (Vila Velha E.C.).



pela manhã, característica que impossibilitou a observação de mais de uma partida por rodada (ou por semana). Partindo do pressuposto de que a profundidade da observação é a essência da investigação etnográfica, optou-se por acompanhar todas as partidas do Olinda E. C. e estabelecer-se através dele o olhar para os demais clubes, verificando-se assim as lógicas comuns e as lógicas que os diferenciam.

Desse modo foram “sujeitos diretos” do estudo, os jogadores que passaram por esse clube entre os anos de 2014 a 2017, bem como os membros da diretoria e demais agentes envolvidos com as atividades do clube, totalizando 87 pessoas. Como o clube enfrentava a cada rodada diferentes equipes, estima-se que o universo total de agentes observados de forma indireta no campo ultrapassou a marca de 1.000 indivíduos. Ressalta-se que os 87 sujeitos diretos e os demais agentes citados no estudo, considerados em um primeiro momento como indiretos, mesmo aqui identificados com nomes fictícios<sup>13</sup>, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Ao considerar-se esse campo específico como um espaço social estruturante, mas também estruturado, em que suas ações são mais ou menos orquestradas, ou seja, onde as escolhas dos agentes sociais são ordenadas de acordo com a ordem objetiva, estes tendem de acordo com Bourdieu (1996) a reproduzi-la sem saber ou querer. Como uma das ordens desse espaço é atribuir um alto valor as competências futebolísticas, observa-se uma valorização significativa das representações sociais, dos modos de agir e das práticas aprendidas nesse espaço social. Ação que permite identificar princípios de estruturação do habitus desses agentes, uma vez que as configurações influenciam na forma como eles percebem e expressam os seus valores.

Além das partidas oficiais, acompanhou-se os jogadores em seus espaços de socialização e confraternização (antes e após os jogos), nos amistosos, nos jogos treino, nas peladas<sup>14</sup>, realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não havia jogo do campeonato amador. Também nos fizemos presentes nas festividades em datas comemorativas (aniversário do clube) ou para arrecadação de fundos, em multidões para realização de

---

13 No decorrer da investigação, optou-se por trabalhar com nomes fictícios, como estratégia que visa preservar os sujeitos do clube no qual realizou-se as observações in loco. A opção pela utilização de nomes fictícios foi em decorrência do grau de envolvimento estabelecido pelo pesquisador, ao ser aceito em várias camadas do grupo investigado, desta maneira sendo possível circular por diferentes subgrupos existentes dentro do próprio clube.

14 O termo “pelada”, na linguagem futebolística, refere-se a um jogo de caráter “lúdico”, no qual algumas regras, como a presença de árbitros, a uniformização das equipes, as substituições ou o tempo de jogo são definidas em comum acordo entre as equipes.

pequenas reformas, como pintura dos muros, troca de portas, construção de pisos e rampas, além de reuniões da diretoria do Olinda (no ano de 2017).

Quanto à baliza temporal, cabe destacar que o estudo foi desenvolvido entre os anos de 2014 a 2017. Nesse tipo de análise o contato prévio com o tema, a autorização e aproximação com o grupo social investigado, a realização das primeiras descrições, a aceitação, para então a construção de descrições “densas”, são etapas que se diferenciam de pesquisador para pesquisador, transformando o tempo em uma “variável dinâmica” em que a permanência *in loco* não pode ser definida antecipadamente (OLIVEIRA, 2018).

Nesse processo analítico, após a primeira saída *in loco* no dia 19 de junho de 2014, permanecendo no campo rigorosamente durante todas as semanas até o dia 15 de outubro de 2017, totalizando aproximadamente 180 saídas a campo. Com tempo médio de permanência *in loco* de 5 horas, passou-se mais de 900 horas no campo.

Paralelamente ao processo de observação e estruturação do DC, realizou-se a interpretação e a análise do material empírico proveniente das saídas a campo. Nesse processo analítico, a organização dos dados ocorreu de forma manual, considerara-se como fundamental no estabelecimento das categorias de análise, a frequência e a relevância das ações e práticas simbólicas observadas.

A partir desses procedimentos é que se pode inferir a existência de elementos de ancoragem, fundamentais na estruturação de uma representação social. O processo de ancoragem consiste na transformação de algo estranho e perturbador, ou não familiar, em algo familiar, através de comparações com elementos já familiarizados cotidianamente, classificando-o então e nomeando (MOSCOVICI, 2012).

Em relação aos aspectos éticos da investigação, respeitou-se em todas as etapas do estudo a dignidade, a liberdade e a autonomia dos agentes sociais investigados, conforme exposto na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Ressalta-se também que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade Sant’Ana, conforme designação da Plataforma Brasil, sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 66013317.8.0000.5694 e número do Parecer: 2.005.549.

### 3 Resultados e discussões

Ao utilizar a teoria bourdieusiana é fundamental que o pesquisador tenha clareza de que nem todos os espaços sociais podem ser classificados como campos, pois para sua estruturação enquanto tal torna-se necessário o

cumprimento de alguns requisitos. Dentre eles a definição de objetos de disputas, que só possuem valor e sentido completo para os agentes pertencentes ao campo específico destes objetos (BOURDIEU, 2002). Em Ponta Grossa, encontrou-se no *status* ou no reconhecimento o objeto maior de disputas entre os agentes do subcampo futebol.

Essas disputas simbólicas ou esse “jogo de *status*” (GEERTZ, 2008) são combatidos coletivamente por um grupo de agentes em torno dos símbolos de um clube de futebol e individualmente através da busca pela consagração ou legitimação pessoal. Não obstante, essas disputas encontram-se imbricadas, uma vez que o *status* de campeão adquirido por um clube que vence a competição amadora é desfrutado também por seus jogadores e os troféus individuais de um artilheiro, ou do melhor goleiro do campeonato contribuem tanto para o reconhecimento individual quanto para o aumento do *status* do clube que representam.

Nos alambrados dos estádios ou nas rodas de conversa nos momentos de confraternização, presenciou-se inúmeros discursos performáticos dos jogadores, que buscavam legitimar-se socialmente através de suas memórias de títulos conquistados por eles em diferentes clubes ou então exaltando o fato de compor uma equipe vencedora, como o América P.F.C., maior campeão amador da cidade de Ponta Grossa. O objetivo deles com esses discursos era se apropriar do capital simbólico da equipe.

Entretanto, a conquista de títulos é apenas mais um dos elementos legitimadores que atribuem poder simbólico a um agente, pois segundo os jogadores, dirigentes, torcedores e veteranos, compor o elenco de um clube que foi campeão, não significa necessariamente que o jogador teve uma participação efetiva nessa conquista, uma vez que este poderia ser um reserva. Desse modo, os agentes do campo futebolístico amador de Ponta Grossa valorizavam outras competências como a habilidade técnica, a inteligência tática, o carisma, a posição ocupada dentro do clube que representa, a posição ocupada socialmente, a herança cultural futebolística (jogadores que são filhos ou possuem algum grau de parentesco com agentes legítimos no campo) e a trajetória do agente no campo.

Ao longo das observações dos participantes, percebeu-se que a trajetória é uma das grandes agregadoras de *status*, desse modo, fundamental para compreensão da representação social positiva sobre os veteranos, visto que o respeito para com esses agentes é uma das lógicas simbólicas incorporadas. Devido a “experiência” acumulada pelo agente ao longo dos anos de circulação no campo, a experiência acaba sendo convertida em capital simbólico.

Nessa perspectiva linguística, Bourdieu (1998) destaca a importância da nomeação (título, cargo, honraria) como um dos elementos que contribuem para a estruturação das posições sociais. As rodas de conversa entre jogadores, dirigentes, familiares, torcedores e veteranos, nos momentos que antecedem os jogos ou após seu término, consolidaram-se como um dos espaços mais efetivos para perceber possíveis calúnias, acusações, críticas e elogios, os quais funcionam como uma espécie de moedas cotidianas, que atribuem aos agentes “beneméritos” poder simbólico dentro do campo. Poder esse que é praticamente invisível dentro das trocas simbólicas, mas legítimo e reconhecido pelos agentes do campo em questão (BOURDIEU, 2002).

Essas práticas linguísticas apontadas por Bourdieu (1998) foram visíveis durante as observações *in loco*, não obstante, sempre produzidas em função da habilidade técnica, da inteligência tática, do esforço, do carisma etc. Geralmente os agentes instituídos proferem elogios a aqueles jogadores que se destacaram no decorrer da partida. Seja por um gol feito, um passe que deu origem a uma boa jogada, pela marcação feita sobre um jogador de destaque da equipe adversária ou até mesmo por um carrinho visando evitar a saída da bola. Na grande maioria das vezes, o elogio não ocorre pelo êxito, mas pela tentativa, pelo esforço. Durante esses momentos, observou-se a importância dos discursos como elemento agregador de *status*.

Nessa dinâmica social, a nomeação do veterano vem obrigatoriamente acompanhada pela idade avançada do jogador e pela longa trajetória vivida no campo. O poder simbólico que a acompanha concede ao veterano um “discurso competente”, ou seja, um discurso proferido, ouvido e aceito como verdadeiro (CHAUI, 2007). O discurso competente é um discurso instituído, de especialista, proferido de uma posição determinada da hierarquia organizacional de um grupo social. Isso porque, segundo Chaui (2007, p. 19), “não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância”.

Durante as descrições interpretou-se que, em sua grande maioria, os agentes autorizados a emitir um discurso competente eram os veteranos, devido à experiência e a trajetória no campo, pois sempre que se adentrava a um novo estádio ou campo de futebol e realizavam-se indagações aos jogadores e aos demais envolvidos sobre as atividades realizadas pelo clube e até mesmo sobre as suas ações e motivações para frequentarem o espaço, as respostas iniciavam-se com um sinal do dedo indicador, apontando os veteranos do clube como os habilitados a representá-los na resposta. Somente após insistir na questão uma resposta era fornecida, seguida por uma justificativa, como podemos ver na frase dita a seguir, recortada de um dos diários de campo:

“... esta é a minha visão, que não tenho o tempo dos veteranos, por isso acho melhor conversarem com um deles, eles vão saber mais detalhes, falar como era” (DC, 18 de maio de 2014).

A este respeito vale retomar a nomenclatura utilizada pelos agentes no campo, pois a palavra veterano, conforme descrito anteriormente transcende a questão semântica, tornando-se não somente um pronome de tratamento, mas uma posição social almejada pelos demais agentes pertencentes a este campo específico. Ser instituído como veterano é para os agentes do campo um privilégio, alcançado depois de anos de experiência e de saberes práticos acumulados e compartilhados. Simboliza a entrada a um grupo seletivo de agentes que fizeram parte, são a própria história do clube que representam e uma parte significativa do futebol na cidade.

De forma conflitante para alguns ou entendida como “natural” para outros, no processo de ancoragem do envelhecimento há um ganho de experiência e sabedoria (valores admirados e respeitados pelos agentes sociais deste campo). Percebeu-se que eles ocorrem em dois momentos interdependentes, são eles: fora de campo, com a presença dos veteranos nos alambrados e dentro de campo, com a participação dos veteranos nas peladas.

### 3.1 Os alambrados: “Que vontade de ter vivido naquela época”

O horário em que os jogadores chegavam para preparar-se para a partida também demarcava a chegada dos torcedores, grupo formado pelas namoradas, esposas, filhos, pais, avós e amigos. Dentro deste grupo, encontravam-se os veteranos que, a partir de quaisquer referências, seja o adversário a ser enfrentado, seja o clima no horário do jogo, seja o reencontro com um ex-companheiro de equipe, um adversário ou até mesmo o reencontro com o filho de alguns destes ex-companheiros, iniciavam as “sessões de memórias” narrando acontecimentos que despertavam a atenção daqueles presentes na estrutura.

Muitas dessas memórias eram contadas aos jogadores do clube com o objetivo de motivá-los ou de descontraí-los em jogos decisivos. Mas também durante os jogos para as pessoas que rodeiam estes veteranos, principalmente os meninos mais novos. A fim de evocar sentido aos apontamentos, selecionou-se uma nota do DC do jogo entre Olinda versus Palmeiras, realizado no Estádio André Mulaski, casa do Olinda, dia 26 de julho de 2015, válido pelo campeonato amador Divisão Especial.

Durante uma conversa com um destes veteranos, que após o início de uma chuva que obrigou-nos a esconder-se embaixo de um pinheiro que fica na beira do alambrado, ele iniciou uma destas narrativas dizendo: “Cara! Esta chuvinha assim durante o jogo só me lembra coisa divertida. Teve uma vez que marcamos um jogo, com um time lá de Cândido de Abreu. Nos reunimos cedo aqui no Olinda, para ir todo mundo junto, conseguimos um ônibus para levar o pessoal, pense na alegria da rapaziada. Saímos de Ponta Grossa e fomos, quando a gente estava chegando perto da cidade começou a chover, mas uma chuva, uma chuva que dava pra ver ela alagando a estrada (neste momento a narrativa passou a atrair a atenção de alguns jovens, que participavam das peladas, mas que não faziam parte do time que disputava o amador). Foi-se embora, quando o motorista entrou na cidade a chuva foi diminuindo, mas o campo era mais para o interior, tinha que ir por uma estrada de terra daí. A hora que o motorista entrou na rua já deu umas patinadas, o pessoal já soltou uns gritos [...] Mas não deu outra, quando ele foi passar por um banhado feio já ficou por ali mesmo, e nada do ônibus ir, não tinha ninguém por perto, celular a gente nem tinha na época, era coisa de rico, nem sei se rico tinha. Daí desceu todo mundo pra empurrar o ônibus, eu fui com mais três em uma das rodas do ônibus e outros foram do outro lado. No que o motorista acelerou o ônibus, ele patinou e jogou barro em todo mundo, mas barro mesmo, de deixar todo mundo coberto de terra [...] Resultado, tivemos que esperar passar um trator pra desatolar o ônibus, o jogo que era pra começar as duas, começou seis e pouco da tarde e nem luz tinha no campo, jogamos no escuro. Mas depois fizemos um churrascão lá, todo mundo comeu, bebeu e se divertiu, porque o futebol é isso”. Após o veterano encerrar sua fala, aqueles que o ouviam atentos esboçaram sorrisos, um deles comentou “Que massa, dá até vontade de ter vivido naquela época, ter feito essas coisas, agora a piaçada não quer saber mais de aventuras” [...]

Ao referir-se sobre os sentimentos evocados através das experiências vivenciadas cotidianamente pelos jovens e veteranos, em suas relações sociais, Stigger (1997, p. 54) apresenta pistas para compreender-se esta relação, pois os veteranos “representam a maturidade e a expectativa de uma vida futura esperada pelo jovem”. O exemplo apresentado acima ilustra uma situação frequente em todas as relações estabelecidas entre os jogadores de gerações distintas, estas narrativas detalhadas na descrição dos acontecimentos, tem o papel não só de envolver os ouvintes, mas também de dramatizar (DAMATTA et al., 1982) as vitórias, as derrotas e a própria vida. A qual, independente de resultados, é “bem vivida”, compreensão que desperta nos jovens o desejo de acender-se no clube e um dia ocupar a posição de veterano. Para tanto, é fundamental respeitar e principalmente aprender “sobre futebol”, através das experiências de vida dos veteranos.

Além das memórias despertadas através dos jogos, estes também servem como pontos de comparação entre as performances dos veteranos e dos

jogadores que se encontram em campo. O jogo entre Olinda e Grêmio E. G., realizado no campo do Olinda, no dia 26 de abril de 2015, válido pelo campeonato amador Divisão Máster é exemplo de um dos inúmeros momentos presenciados ao longo da permanência *in loco*.

No segundo tempo de jogo, com o placar de 1x0 para os visitantes. Após uma falta marcada pelo árbitro, contra a equipe do Olinda, cometida próximo a grande área, entre a lateral direita e o meio do campo, alguns destes veteranos incomodam-se com a demora em sua cobrança, a qual decorria-se de um desentendimento entre os jogadores do Olinda que formavam a barreira e dos jogadores do Guamaranga que tentavam atrapalhar a formação desta. Os gritos do goleiro do Olinda, para organizar a barreira despertaram as lembranças de um dos veteranos: “Na minha época não tinha, lembra daquele jogo? Contra o Guarani, que eu peguei aquela bola no finalzinho do jogo. Foi uma falta igual esta, eu estava no gol e a gente ganhando por um gol de diferença, não lembro quanto que era, se 1x0, 2x1 ou 3x2, mas o cara arrumou a bola para bater, não tinha essa de arrumar barreira, uns jogadores iam na frente para atrapalhar só. Pense em um chute forte que ele tinha e batia bem, quando ele chutou, ninguém achou que eu pegava, mas eu fui buscar. Comigo não tinha essa frescura de barreira, eu mandava chutar e pegava no peito se fosse chutinho fraco, comigo não tinha”.

Observa-se a participação efetiva dos veteranos em um circuito de consagração social, que buscam através das narrativas preservarem suas posições no campo. Nesse contexto, as memórias, essas interpretações de acontecimentos do passado, servem não só para salvaguardar o ocorrido, mas também para definir e reforçar sentimentos, contribuindo para a manutenção da “coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis” (POLLAK, 1989, p. 12). Entretanto, é importante destacar que a estruturação dessa representação social positiva não ocorre sempre de forma harmônica. No cotidiano das relações sociais desses agentes, emergem conflitos e provocações acerca deste passado, como descrito na sequência do DC.

Após o discurso, seguido de risos por alguns agentes mais novos, de diversas idades entre 12 e 30 anos, uns devido ao comentário descontraindo de fechamento da fala, porém outro com 16 anos, em tom irônico, diz na sequência: “Você era o cara então?”. Mesmo que o comentário não fosse ofensivo (acredita-se que este jovem quisesse mais participar da conversa que propriamente questionar a capacidade do veterano), os demais veteranos presentes no espaço, que ouviram o comentário do jovem agente desautorizado a falar, iniciaram a defesa do veterano narrador, alegando que na época em que eles jogavam e por muito tempo, “ele foi o melhor goleiro da cidade, todo campeonato que a gente jogava



os caras queriam levar ele embora, mas ele era Olinda, só saiu do clube para jogar no Operário com os profissionais, mas depois voltou e estamos até hoje bebendo cerveja juntos". Outro veterano, de maior idade que o anterior, entrou na conversa para atestar a legitimidade do discurso referindo-se ao jovem "Você joga nas peladas com a gente no gol, e joga pra caramba, mas tem muito que aprender com os mais velhos, futebol é experiência, ainda mais goleiro, quanto mais velho melhor, não é pular, é saber onde a bola vai, e ele (apontando para o veterano) sabia disso, pegava sem ficar se jogando feito louco. Você é bom, mas pode ficar melhor se aprender com quem já passou por isso aí". De cabeça baixa, o jovem com balanços positivos simbolizava o aprendizado resultante do comentário desautorizado (DC, 26 de abril de 2015).

Nesse contexto, quando a veracidade dos discursos de um veterano é questionada o grupo une-se e rebate com dureza os comentários pejorativos ou duvidosos. Pode-se interpretar estas ações como pontos de tensões e rupturas a lógica do campo social, no qual prevalece uma representação social sobre o idoso ancorada na perda de *status* e exclusão social, como observado em alguns estudos supracitados. Pois, quando um recém-chegado adentra ao campo futebolístico amador, iniciando o processo de incorporação das lógicas específicas do campo, a posição de *status* dos veteranos pode causar certo estranhamento, "não familiaridade" (MOSCOVICI, 2012) devido cultura presente quanto à posição dos idosos na sociedade.

Entretanto, no decorrer de sua trajetória, das pressões dos veteranos e dos demais agentes, bem como o seu desejo em participar das disputas por *status* e acumular poder simbólico, levam a aquisição de um *habitus* pautado pela resignificação e reordenamento dos seus valores e imagens sobre o envelhecimento. Já para os herdeiros, jovens que cresceram no clube acompanhando seus pais, avós ou familiares, a construção dessa representação social positiva é menos conflitante, pois desde pequenos eles incorporaram essa lógica, a valorização dos veteranos, como sendo "a ordem das coisas"<sup>15</sup> (BOURDIEU, 1999).

---

15 Em um de seus textos, intitulado "A ordem das coisas", presente na obra *A miséria do mundo*, Bourdieu (1999) discute a relação de jovens de um conjunto habitacional localizado em uma pequena cidade do norte da França com o ingresso no "ensino superior". Para o autor, a noção de *efeito do destino* ajuda a compreender como muitos destes jovens não veem sentido na estrutura escolar, tampouco almejam adentrar em uma universidade, pois para eles o destino está em seguir os passos dos pais, trabalhar nas fábricas, uma vez que aquela é a ordem das coisas. No contexto do Campo Futebolístico de Ponta Grossa, faz-se o mesmo paralelo quanto ao respeito à hierarquia da estrutura, onde os veteranos possuem uma posição de destaque. Neste processo, respeitar os veteranos para no futuro ocupar este posto é a ordem, o sentido ou a lógica das coisas (do campo).



### 3.2 As peladas: "Até o toque deles na bola é diferenciado"

As “peladas” são jogos com caráter recreativo que contemplam a participação de agentes de diferentes gerações, desde crianças e adolescentes, postulantes a adentrarem ao campo nos próximos anos, até veteranos com mais de 70 anos de idade (todos vividos em torno da prática futebolística). Esses jogos são fundamentais para a formação das equipes que disputarão o campeonato amador e um dos principais espaços para socialização desses agentes sociais.

Embora essa prática tenha uma característica lúdica, deve-se ter clareza de que o divertimento ou a informalidade, se comparados aos jogos oficiais, não reduzem seu papel de interiorização e reprodução dos *signos distintivos* (BOURDIEU, 1996). Acredita-se justamente no contrário, que a ludicidade presente nesses encontros seja fundamental para a aprendizagem consciente ou inconsciente das lógicas de respeito.

Se nas conversas nos alambrados o contato com os veteranos permite aos agentes ouvir as memórias do clube, imaginando o passado e assim aprendendo com os mais experientes. Nas peladas há a possibilidade de uma experimentação prática, dividindo o mesmo vestiário, vestindo o mesmo uniforme, fazendo parte da mesma roda de oração e ouvindo a definição tática. Durante o tempo em que dura a partida ou então a participação do veterano, que normalmente varia entre 10 minutos até meio tempo da partida, tem-se a possibilidade de vê-los em ação e aprender com sua inteligência tática, isto é, seu saber prático ou sua sabedoria.

Durante a realização de uma das peladas, novamente o que despertou a atenção foram os olhares admirados dos mais jovens sobre os veteranos. A defesa do goleiro do Olinda gerou uma série de comentários acerca dessa visão sobre o envelhecer.

“O Fernando é foda, pega muito, lembra da defesa domingo passado contra o D.E.R?” disse um dos agentes, com 22 anos, jogador da categoria Divisão Especial do time do Olinda, seguindo pelo comentário de outro agente, 20 anos, da mesma categoria: “No finalzinho né, salvou nós”. Então entrou-se na conversa, com o objetivo instigá-los a explorar mais a questão. “Além dele, o que vocês acham dos outros, dos veteranos? O que vocês acham de jogar com eles, contra eles?”. Logo que encerrou-se a pergunta, se obteve a resposta “Não, não é só ele não! Pode observar, o que os caras não têm de condicionamento físico, o que eles não correm, eles ganham de nós na experiência, na inteligência para jogar” (Lembrou-se de imediato, da experiência exposta no DC acima, em que os veteranos realizaram este discurso). Após o comentário deste agente, os demais concordaram com o discurso e um acrescentou, “Eles não correm

muito, principalmente na hora de marcar, a gente corre por eles. Mas marcar eles é difícil também, por causa do tempo que eles jogam, da experiência, até o toque deles na bola é diferenciado, eles colocam ela onde querem". Assim outro jogador entra no discurso "Isso é verdade, se quando eu ficar velho, tiver metade do pique desses caras, to feito" (DC, 29 de janeiro de 2017).

A partir das descrições do DC e suas articulações com os demais dados apresentados, pode-se inferir que a existência dessa representação social positiva sobre o processo de envelhecimento e sobre o "veterano", foi produzida e reproduzida através da economia linguística experimentada por esses agentes nos espaços de sociabilidade e prática futebolística. Nesse contexto, a questão fisiológica é secundarizada e a questão do rendimento ressignificada, pois no caso dos veteranos o parâmetro deixa de ser o resultado obtido pelos novos, mas suas atuações tendo como referente à idade, as possíveis limitações decorrentes dela e a forma com que eles conseguem suplantar isso.

Destarte, a idade torna-se um ponto de ancoragem significativo para a incorporação dessa representação, pois ao pensar-se em um indivíduo de 60 ou 70 anos, a representação social que se tem, é a de fragilidade, de perdas físicas e sociais (COSTA; CAMPOS, 2009). Não obstante, esse *senso comum* entra em conflito com a imagem desses veteranos, de vigor físico admirável para a idade e postura autoconfiante. Quanto a esse aspecto, vale destacar a preparação desses veteranos para a velhice, seja uma caminhada, corridas ou musculação, em espaços públicos (praças) ou privados (academias), a realização de exercícios físicos regularmente é uma exigência, para manterem-se ativos todos esses anos. Em seus diálogos no campo, ouviram-se inúmeras vezes esses veteranos enfatizando a importância dos exercícios físicos, relatando suas rotinas ou encorajando outros agentes a criarem esses hábitos.

Por fim, vale destacar o papel ativo dos veteranos exercido conscientemente ou inconscientemente, que através das narrativas futebolísticas coloca-os em uma posição privilegiada do campo, devido a suas trajetórias (experiências) e os saberes práticos (sabedoria) acumulados ao longo dela. Nesse viés, ressalta-se a importância de novos estudos sobre a temática, principalmente no que tange às relações sociais estabelecidas cotidianamente pelos idosos. Para tanto, é necessária uma articulação metodológica mais efetiva entre métodos qualitativos e quantitativos, ação que não se efetivou na presente pesquisa, mas que os autores vêm trabalhando. O caminho para realizar essas reflexões é sem dúvida o da interdisciplinaridade.

#### 4 Considerações finais

Pode-se inferir que o campo futebolístico amador ponta-grossense apresenta-se como um espaço de tensões de valores e sentimentos, interiorizados pelos agentes nos diversos campos sociais em que circulam, pois ao adentrarem em um campo de futebol, suas representações sociais, sobre os mais diversos temas que atraem suas atenções cotidianamente não são deixados no vestiário. Ao apito inicial de uma partida, os jogadores não se despem de seus problemas e lutas simbólicas de outros campos. Não obstante, o inverso também ocorre, assim como uma lesão durante o jogo não se cura tão logo o jogador deixe as barreiras geográficas do campo de futebol. Os valores, os sentimentos, as práticas e disposições de agir incorporadas nesses espaços sociais transcendem o campo específico e passam a ser exteriorizadas em outras estruturas sociais, como a família, a escola, o trabalho, entre outros.

Desse modo, o processo de ancoragem do envelhecimento a valores como a experiência e a sabedoria contribuem não só para a existência, mas também para a manutenção dessa representação do envelhecimento como um processo de ganho de *status* social e poder simbólico. Afinal, tornar-se um veterano significa adentrar a um grupo seleto de agentes que fazem parte da história do clube que representam, fato legitimado entre os agentes como um privilégio.

Conclui-se, portanto, que em Ponta Grossa, o futebol apresenta-se como uma manifestação sociocultural, que tensiona o olhar negativo sobre o processo de envelhecimento e velhice. As representações sociais revelaram que mesmo no campo esportivo, em que aprioristicamente imagina-se que o alto-rendimento é o que determina a visão sobre os diferentes agentes, este não é um elemento hegemônico na dinâmica social do poder. Na análise em questão descobriu-se que através de ancoragens compensatórias (não se tem vigor físico, mas tem-se sabedoria/experiência) o rendimento é ressignificado e o *capital simbólico* adquirido, legitimam os idosos como figuras nucleares desse campo.

EXPERIENCE AND WISDOM IN THE FIELD:  
A POSITIVE SOCIAL REPRESENTATION  
OF THE AGING PROCESS OF THE "VETERANS"  
IN THE AMATEUR FOOTBALL "FIELD"  
IN PONTA GROSSA, PARANÁ (2014-2017)

abstract

The objective of the present study was to analyze the process of building and maintaining a positive social representation about the veteran players of the amateur football field in the city of Ponta Grossa, PR. In order to do so, we chose the methodological orientations of ethnography, since they guide the researchers in the interpretative process of the "world view" of the individuals belonging to the social group investigated, through the interpretations of their symbolic practices. It is concluded that in Ponta Grossa football presents itself as a sociocultural manifestation, which makes it possible to hold the negative eye on the process of aging and old age. The social representations revealed that even in the sports field, where it is aprioristically imagined that the performance is what determines the vision on the different agents, in the analysis in question it was discovered that through compensatory anchorages (there is no physical force, but has intelligence) and the acquired *symbolic capital*, legitimize the elderly as nuclear figures of the field.

keywords

Veterans. Amateur Football. Social Representations. Symbolic Capital.

referências

ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. Esporte e sociedade. *EFDeportes.com*: Revista Digital, Buenos Aires, ano 14, n. 133, p. 1-8, jun. 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd133/esporte-e-sociedade.htm>. Acesso em: 15 jul. 2018.

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

ASSIS, Claudio et al. Almanaque do Brasileiro 2017. *GloboEsporte.com*, Rio de Janeiro, maio 2017. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/almanaque-do-brasileirao-2017.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2018.

BOUMARD, Patrick. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. *Psi: Revista de Psicologia Social e Institucional*, Londrina, v. 1, n. 2, p. 1-6, nov. 1999.

- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern, Guilherme J. F. Teixeira. Porto Alegre: Zouk Editora, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. Tradução de Sérgio Miceli. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- BOURDIEU, Pierre (coord.). *A miséria do mundo*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Tradução de Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus Editora, 1996.
- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 12. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- COSTA, Filomena Guterres; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Representação Social da Velhice, Exclusão e Práticas Institucionais. *Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas*, v. 1, n. 1, p. 100-113, 2009.
- CUNHA, Leonardo Costa da et al. Sport Club Barrense: memórias de um clube de futebol amador do município de São José do Norte/RS. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, ano 14, n. 29, p. 67-89, 2013.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DAMATTA, Roberto et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982.
- DOISE, Willem. Da Psicologia Social à Psicologia Societal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, v. 18, n. 1, p. 27-35, 2002.
- FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. *Operário Ferroviário Esporte Clube: um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná*. 2000. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GEERTZ, Clifford. *El antropólogo como autor*. Barcelona: Paidós, 2010.
- GRILLO, Patrícia Medeiros Silva; LOMBARDI JÚNIOR, Império. Maus-tratos a idosos: perfil das vítimas, vínculo com o agressor e atuação dos profissionais. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 611-624, fev. 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Expectativa de vida do brasileiro sobe para 75,8 anos. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18469-expectativa-de-vida-do-brasileiro-sobe-para-75-8-anos.html>. Acesso em: 8 maio 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017.html>. Acesso em: 8 maio 2018.

LIMA, Rita de Cássia Pereira; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Campo e grupo: aproximação conceitual entre Pierre Bourdieu e a teoria moscoviciana das representações sociais. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 63-77, 2015.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

MOTTA, Luciana Branco da; AGUIAR, Adriana Cavalcanti de. Novas competências profissionais em saúde e o envelhecimento populacional brasileiro: integralidade, interdisciplinaridade e intersetorialidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 363-372, jul. 2007.

MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. O futebol "de várzea" é "uma várzea"? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 445-469, abr./jun. 2014.

OLIVEIRA, Allan de Paula. Entre a várzea e o profissional: sobre um campeonato de futebol amador. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 29, p. 114-139, mar. 2013.

OLIVEIRA, Edilson de. *Redescobindo o sentido do jogo: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem da cultura futebolística no Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa-Paraná (2013-2017)*. 2018. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jan./jun. 1989.

RIBEIRO JUNIOR, José Cação. *Futebol ponta-grossense: recortes da história*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 83-98, nov. 2007.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. *Movimento*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 52-66, 1997.

WACQUANT, L. *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Data de Submissão: 03/11/2017

Data de Aprovação: 01/06/2018